

DO RUBAIYAT DE OMAR KHAYYAM

Omar Ibn Ibrahim, nasceu em 1048 na cidade de Nishapur, na província de Razavi Khorasan, no nordeste da antiga Pérsia (hoje Irão) e morreu na mesma cidade em 1132. Adoptou o apelido de Khayyam, que em persa, significa fabricante de tendas, em honra da profissão do seu pai.

Os seus estudos foram realizados num colégio de Nishapur, onde estabeleceu estreita amizade com Hassan Sabbah e Abú Ali Hasán Tusí, ambos filhos de famílias nobres. Os três amigos firmaram um pacto mediante o qual cada um deles se comprometia, logo que a fortuna lhes sorrisse, a proteger os outros dois tanto quanto lhe fosse possível fazer. O primeiro bafejado pela sorte foi Abú Ali Hasán Tusí, que recebeu a nomeação de secretário e, pouco depois, a de vizir do Sultão, passando a chamar-se Nizam-Ul-Mulk.

Cumprindo o pacto estabelecido com os amigos, nomeou a Hassan Sabbah para um alto cargo na corte, mas este, porém, provocando toda a classe de intrigas, não tardou a cair em desgraça perante o Sultão; refugiou-se numa cordilheira ao sul do Mar Cáspio e fundou a Seita Misteriosa dos Assassinos, que espalhou o terror em todo o país. A Omar Khayyam foi concedida inicialmente uma pensão de 1.200 mithkals de ouro, que lhe permitiu levar uma vida tranquila na

sua cidade natal. Uma vida meditativa e de contacto muito próximo com a natureza entregue à ciência e à poesia. Foi muito reconhecido em vida, quer dentro como fora do seu país, ganhando prestígio como matemático ilustre e astrónomo famoso, tendo sido considerado um dos maiores sábios da sua época.

Deixou obras científicas de relevo como “Demonstração de problemas de álgebra” ou o “Tratado sobre algumas definições de Euclides”. Vários estudiosos orientais fazem referências elogiosas de publicações consideradas as melhores do seu tempo como: um manual de ciência natural, cujo título se ignora; um livro de Metafísica “El Kawn wal Taklif”; outro livro de metafísica “El Wajud”; um tratado de ciências naturais intitulado “Lawazim-ul-amkina” bem como, um tratado sobre os métodos indianos para a extração de raízes cúbicas e quadradas.

Em 1074, Omar Khayyam foi nomeado pelo califa Malik-Shah para a direção do Observatório Astromónico de Merv, tendo posteriormente presidido ao conselho de oito sábios que reformaram o Calendário Muçulmano. Dessas investigações resultou um valioso resumo dos trabalhos a que chamou de “Tábuas Astromónicas” (Ziji-melik Shahi).

Da civilização persa pouco se conhece no ocidente e da *sua literatura fecunda e opulenta*, no dizer de Gomes Monteiro, *pouco ou nada se fala entre nós*. Afastamento imposto pelas guerras religiosas que então manchavam as relações civilizacionais entre a europa e o próximo oriente. Manchavam antes e continuam a manchar hoje.

Todavia, na poesia persa, existiram génios de dimensão universal desde Ferdusi (940-1020), considerado o recriador da língua persa, que escreveu uma epopeia enorme, “Schah-Nameh” (Livro dos Reis), com cerca de 60.000 versos e cujas histórias são ainda nos dias de hoje apresentadas e cantadas nas praças públicas de Teerão; ou, Hafiz (1310-1337) poeta lírico cujos “Gazéis” continuam a inspirar todos os jovens apaixonados; ou, ainda, Sâadi (1210-1291), que escreveu o “Jardim das Rosas”, poema onde as crianças iranianas aprendiam a soletrar.

Omar Khayyam é igualmente um dos maiores poetas da Pérsia tendo, mesmo em génio, ultrapassado os anteriores nomes citados. Rubaiyat, a sua obra maior, esteve completamente ignorada durante séculos, por força da metódica perseguição que os fanáticos da religião islâmica lhe moveram, em consequência da liberdade dos temas que a sua poesia abordava, mormente, o vinho ou o amor, as mulheres e, consequentemente, a alegria de viver.

Na antologia de Poesia de 26 séculos, de Jorge de Sena, Editorial Inova 1971, existe uma inclusão de doze quadras do poeta persa e nas notas finais, Sena escreve: *a crítica do seu país, nos séculos imediatamente seguintes, completamente dominada pela tradição religiosa do misticismo sufi (sufis eles mesmos foram os outros dois grandes poetas da Pérsia clássica, Sâadi, no século XII, e Hafiz, no século XIV, embora seja de duvidar se todo o erotismo deles é só amor divino).*

Diz, ainda, Jorge de Sena: *a crítica dos estudiosos de literatura persa, hesitou sempre ante este poeta, entre diminuir-lhe a importância pelo escândalo do seu patente cepticismo religioso, ou em ver no pessimismo e no desprendimento das coisas do mundo, que há nele, um sufismo que ocultamente, só para iniciados, se manifesta (embora dos sufis Khayyam se ria).*

Dos autores citados anteriormente, existem milhares de versos, enquanto de Omar Khayyam não se conhecem mais de duas centenas de quadras.

Apesar de tudo o Rubaiyat tem uma actualidade surpreendente, está publicado em todas as línguas e goza de uma plena universalidade. Aliás, o próprio Sena ao encerrar a sua nota, refere *que são, indubitavelmente, um dos mais belos e nobres tesouros da poesia universal.*

Rubaiyat é uma palavra persa que significa quartetos ou quadras, enquanto a quadra, em persa, quer dizer rubai. Trata-se, portanto, de um livro constituído por quadras; quanto à rima, a tradição dita que o primeiro, o segundo e o quarto verso rimam entre si, o terceiro é branco; quanto à métrica é um decassílabo, (verso de 10 sílabas poéticas).

Na Europa as primeiras traduções surgiram na segunda metade do século XIX, sendo a primeira a do orientalista austríaco Joseph von Hammer-Purgstall (1774-1856). Outras se seguiram com enorme sucesso *apesar das mutilações de J. Nicolas e das falsas variantes que Edward Fitzgerald houve por bem introduzir-lhe, dando largas ao seu espírito engenhoso e apaixonado,*

como escreveu Gomes Monteiro no prefácio da primeira edição em língua portuguesa do Rubaiyat, em 1927, na edição da empresa Diário de Notícias, em Lisboa. Seguindo, ao que tudo indica a tradução de Toussaint, Gomes Monteiro fez uma versão a todos os níveis primorosa, compreendeu e elogiou Khayyam por utilizar a quadra já que *esta exige um laconismo que impede toda e qualquer incursão nos domínios farfalhudos da retórica*. Considerou ainda que, *atendendo à era remota em que viveu, às dificuldades da época e às situações tão bizarras quão dolorosas da sua existência, o genial autor do Rubaiyat foi, incontestavelmente, um dos mais extraordinários poetas de todos os tempos*.

Vários dos autores consultados para este trabalho são unânimes nas críticas à abordagem poética do inglês; diz Jorge de Sena: *Fitzgerald, precursor do esteticismo, estava sobretudo interessado em acentuar o carácter céptico e aparentemente hedonista de uma poesia extremamente complexa e profunda na sua densidade epigramática, em que estoicismo e epicurismo se dão as mãos para uma irónica desilusão total*.

Seguindo o mesmo sentido, embora um pouco mais contundente, E. M. Melo e Castro, no prefácio que assina para a versão de Fernando Couto, edição de 1982 da Moraes; refere que Fitzgerald *foi responsável por uma certa moda de estilo vitoriano de ornato sumptuoso*, que infelizmente veio a repercutir-se em algumas versões posteriores como sendo uma tradução literal quando não o era. Alastair Fowler, na His-

tória da Literatura Inglesa (edição de 1987), revela: *a aceitação da obra é explicada apenas pelo seu estatuto clássico. Fitzgerald garante as simples necessidades de inteligibilidade da lírica conservando-se num único tom de ideias morais.*

Diferente conclusão tirou Jorge Luís Borges, quando afirma: *as pessoas pensaram a tradução em termos, não de uma versão literal, mas em termos de coisa recriada. De um poeta que leu uma obra e depois de certo modo a desenvolveu ele próprio, com as suas próprias forças, com as possibilidades até aí conhecidas da sua língua.* (Excerto da palestra proferida em Harvard em 1968, inserta in *This Craft of Verse*).

Independentemente da qualidade que se atribua às primeiras versões europeias, não deixaremos de considerar importante o seu papel pioneiro, sobretudo no caso da edição de FitzGerald que teve um significativo impacto no seu próprio país.

Um pouco por toda a Europa surgiram diversas versões; inclusivamente algumas traduções directas do persa para as várias línguas europeias. Em França, Franz Toussaint foi responsável pela muito recomendável primeira tradução directa do original persa para o francês no início do século XX, e teve uma abordagem mais orientada para o original persa, no que concerne à musicalidade da sua linguagem concisa, simples e sugestiva.

Em Portugal, a primeira tradução a partir do texto original persa foi assinada por Halima Naimova, para

a editora Assírio & Alvim, em 2009, com apresentação de Maria Aliete Galhoz que enaltece o interesse da coletânea *pelas suas características de tratamento textual e por uma justa mais-valia de versões directas e inéditas... sem plataforma de nos chegar pela via de uma outra língua tradutora intermediária*.

Fernando Pessoa também traduziu Khayyam, através da adaptação de Edward Fitzgerald e fê-lo inclusive em apontamentos manuscritos no próprio livro da sua biblioteca pessoal. Pessoa não apenas o traduziu como realizou *rubais* criativos inspirados em Omar Khayyam.

Como podemos comprovar no livro de Poemas de Fernando Pessoa Rubaiyat, edição de Maria Aliete Galhoz, para IN-CM 2008. Pelas conclusões de inúmeros investigadores, citados nesta edição crítica, sabemos que Pessoa não terá terminado o projecto da antologia dos Rubaiyats de Khayyam na adaptação de Fitzgerald e dos seus próprios rubais criativos, em conjunto ou separadamente, com ensaio crítico de explicação e justificação de Omar Khayyam. Terá, no entanto, disseminado essas influências ou inspirações nos seus heterónimos, sobretudo em Bernardo Soares ou Ricardo Reis, (ver no livro Odes, edição Ática, pag. 59, *Ouvi contar que outrora*) ou à falta de melhor argumento arrumou-se tudo como puderam nas poesias inéditas.

Vivo sempre no presente. O futuro, não o conheço. O passado, já não o tenho. Pesa-me um com a possibilidade de tudo, o outro como a realidade de nada. Não

tenho esperanças nem saudades. Quem o afirma é o ajudante de guarda-livros de um escritório de Lisboa, conhecido por Bernardo Soares no Livro do Desassossego. Pag. 210, 1ª edição Ática 1982.

No Brasil a primeira edição surge em 1928, pela mão do poeta Octávio Tarquínio de Sousa. Teve uma tiragem muito limitada e um êxito inesperado, segundo o que escreve no prefácio da 2ª edição, que apareceu cinco anos depois de muita hesitação. Tarquínio leu primeiro a versão inglesa, mas gostou mais dos franceses Claude Anet e Mirza Muhammad, Jules Marthold e por último Franz Toussaint. Tendo considerado esta a melhor de todas, segundo as suas palavras, *a que mais me fez sentir o perfume da grande “rose rouge que a religieusement cueillie dans le mélancolique jardin de la Perse, j’admire surtout qu’elle ait gardé sa couleur e son parfum, malgré ce long voyage périlleux”, segundo a expressão de Ali Nô-Rouze, seu prefaciador.*

O grande poeta brasileiro Manuel Bandeira também traduziu os Rubaiyat a partir da versão francesa de Franz Toussaint, conforme confessa no prefácio: *foi esta que utilizamos no nosso trabalho, já que a de FitzGerald, se primorosa do ponto de vista literário, é do ponto de vista da fidelidade ao texto original, inaproveitável.* Admirei muito a tradução do Manuel Bandeira não fosse ele o poeta que é.

No Brasil, a primeira tradução directa do persa foi de Ragy Basile com o tratamento poético de Christovam de Camargo, para a Editorial Minerva, Rio de Janeiro, 1959.

Finalizando, regressamos a Jorge Luís Borges. *Segundo uma superstição muito difundida, todas as traduções traem os seus inimitáveis originais. O facto está expresso no famoso ditado italiano “traduttore, traditore”, tido por irrespondível. Como o ditado é muito popular, deve ter um fundo de verdade, um cerne de verdade oculto algures.* (Jorge Luís Borges, *Música da Palavra e Tradução*, mesma palestra atrás citada).

Com efeito a tradução não é tarefa fácil, nem tem a vida facilitada. A tradução da linguagem oriental para a linguagem ocidental tem obstáculos difíceis de ultrapassar, pelo facto de estarmos a falar de idiomas sintéticos, quase epigramáticos, ou até taquigráficos, como o caso do persa. Pelo que, devemos priorizar a sua perfeita legibilidade e a qualidade poética na língua de chegada; ao mesmo tempo que tentamos interpretar o cerne das emoções quer do espírito, quer dos sentimentos transmitidos, seus perfumes e suas cores.

Para isso, há que tratar a tradução como uma simples versão poética de trocar de flor, (*trocar de rosa*, como diria Eugénio de Andrade), simples e descomplicada como a natureza nos ensina, sem excessivas adjectivações ou desnecessários artificialismos. Leio a mesma quadra vezes sem conta, nas poucas línguas que conheço, quatro contando com a própria, até fixar a minha versão final, por vezes, mesmo assim, ainda as movo de novo. Uma tarefa de lapidação que parece nunca mais acabar. Foi o que tentamos fazer; partindo de inúmeras versões, algumas já anteriormente cita-

das e outras de que se dão notícia nas notas finais, na bibliografia utilizada.

O superior trabalho do poeta é escrever tudo com poucas palavras, quase nada, de tão pouco. Foi o que fez Khayyam. Nós apenas o seguimos.

José Queiroga

Pedras do Corgo, Abril 2024.

01.

as rosas brilham em todo o horizonte,
pelo ar cristalino ouve o trinado do rouxinol:
suave é o aroma do vinho e sedoso o teu cabelo.
pensar que os tolos só sonham com riquezas.

02.

a brisa da manhã abre as rosas e em segredo
diz que as violetas já exibem o seu esplendor;
digno é quem admira o sono de uma jovem
e ergue o cálice assim apurando o paladar.

03.

o vento sul murchou as rosas que o rouxinol
cantava. choraremos por elas ou por nós?
pouco importa, quando a morte vier para levar
as nossas faces, outras rosas de novo abrirão.

04.

as estrelas deixam cair as pétalas douradas.
não sei como não atapetaram o meu jardim.
assim, como o céu derrama as rosas sobre a terra,
também eu verto o vinho tinto no meu copo.

05.

nasceu, num campo regado pelo sangue
de um altivo rei, uma solitária tulipa rubra.
já a papoila brotou da beleza que irradiava
do rosto afável de uma meiga adolescente.

06.

tu com rosto de estatueta chinesa causas
inveja às rosas. os teus olhos deram a volta
ao rei da Babilónia, como um bispo recua
diante da rainha no tabuleiro de xadrez.

07.

se queres a leda solidão das estrelas e das rosas,
fica longe das mulheres e da amizade dos homens.
não acolhas ninguém; nem alivies qualquer dor
ou participes em qualquer convívio ou celebração.

08.

agitada pela brisa a rosa treme e o rouxinol
canta uma melodia apaixonada. a nuvem pára.
vamos beber esquecendo que a brisa despetala
a rosa, o canto do rouxinol, a nuvem e a sombra.

ÍNDICE

5	DO RUBAIYAT DE OMAR KHAYYAM <i>José Queiroga</i>
	RUBAIYAT DE OMAR KHAYYAM
17	DAS ROSAS DE KHORASAN
23	DO AMOR MAIS E TERNO
31	DO VINHO ELIXIR DA VIDA
43	DA FUGACIDADE DA VIDA
67	BIBLIOGRAFIA